

SAIU NA ÉPOCA

BORGES POR INTEIRO

Amarelo teria sido a última cor que ele viu. A cegueira total atingiu o escritor Jorge Luis Borges aos 50 anos de idade, mas foi longamente esperada – o pai também perdera a visão quando ele ainda era menino. Aos 50 anos, poeta, contista, ensaísta e tradutor, Borges já tinha escrito pelo menos duas obras-mestras de sua literatura (*O Aleph* e *Ficções*) e também os livros de poesia e ensaio que conteriam a chave futura de sua imaginação e de seu processo criativo. (...)

O nome de Borges está um patamar acima das outras celebridades literárias do continente. A literatura fantástica que encantou o mundo nos anos 60 e 70, durante o famoso boom latino-americano, não seria nada sem a imaginação refinada do autor de *História Universal da Infâmia*. Borges é único. “Ele foi o primeiro a traduzir Kafka para o espanhol, mas sua tradução era tão peculiar que você reconhecia Borges facilmente nos livros de Kafka”, diz o escritor e tradutor Modesto Carone. No best-seller *O Nome da Rosa*, o italiano Umberto Eco homenageou o autor na personagem cega Jorge de Burgos, o guardião da biblioteca onde gira a trama.

Borges é único... e uma influência angustiante. Na literatura argentina, poucos brilharam depois dele. E, mesmo os que brilharam, como Ricardo Piglia, autor de *Respiração Artificial* e *Dinheiro Queimado*, tiveram de pagar algum tributo à sombra de Borges.

Ficou difícil escrever depois dele. A forma narrativa de seus textos costuma ser simples, clara, linear até, embora enganadora como um horizonte: por trás da placidez da linguagem, reside um monstro de imaginação, mestre em surpresas. Por que então, esse homem que gostava de narrar jamais escreveu um romance? “Para que escrever em 300 páginas o que dá para fazer em três?”, teria respondido ao colega Mario Vargas Llosa. Mas os contos e os poemas e também alguns dos ensaios imaginativos deixados por Borges já são um legado inestimável para a literatura universal.

A carreira do autor de *O Aleph* seguiu um caminho sempre muito próprio. De uma temporada européia entre 1914 e meados de 1921, tempo em que a família viveu na Suíça e na Espanha, Borges retornou à Argentina com idéias vanguardistas. Nessa época, o Modernismo campeava no Brasil, e Mário de Andrade, um de seus fundadores, escreveria um pouco adiante a respeito do jovem autor argentino. Mas o ideário de vanguarda, a despeito da liberdade da forma e de outras conquistas estilísticas, seria logo abandonado em favor de uma literatura própria. Borges interessava-se por escritores que andavam então meio esquecidos, como Thomas De Quincey e Robert Louis Stevenson. Gostava de cinema e do expressionismo alemão. E tentava reencontrar o país que deixara para trás.

Esse reencontro vai ocorrer em *Fervor de Buenos Aires*, o primeiro livro, até agora inédito no Brasil, em que pretendeu “cantar uma Buenos Aires de casas baixas e, para o poente ou para o sul, de chácaras gradeadas”.

O trecho acima, de um prólogo do livro escrito mais de 60 anos depois, é acompanhado de um outro, bastante elucidativo, sobre o próprio Borges: “Naquele tempo, procurava os entardeceres, os arrebalde e a desdita; agora, as manhãs, o centro e a serenidade.” Este Borges de 1969 é odiado pela esquerda e também pelos peronistas, e tal reputação atravessou os anos 70, quando ele apoiou ostensivamente os militares argentinos. “Minha geração aprendeu a ver um Borges reacionário”, diz a editora Eliana Sá, da editora Globo, responsável pela edição brasileira das *Obras Completas*. “Ele dizia coisas reacionárias, mas não as escrevia”, complementa o professor e tradutor Jorge Schwartz. O fato é que o tempo tratou de aplanar o conservadorismo de Borges, sem dúvida sua faceta mais desinteressante.

Traduzi-lo, principalmente os primeiros livros, repletos de expressões dos pampas e da língua das ruas portenhas, revelou-se uma tarefa quase borgiana. Foram três anos de trabalho árduo. “Consultei um catedrático em gramíneas, um titular de zoofilia, um arabista, um especialista em sagas nórdicas. A questão era: como achar equivalentes aos ‘gauchismos’ do livro?”, diz o argentino Schwartz, responsável pelo “atestado de qualidade” das traduções de todos os volumes. “A melhor tradução é aquela feita a quatro mãos: um argentino e um brasileiro”, diz.

Para verter ao português os poemas de *Fervor de Buenos Aires* – o livro que, prefigurava tudo o que ele faria depois –, Schwartz convidou o poeta Glauco Mattoso, 47 anos, cego desde os 40 e ex-bibliotecário, como o próprio Borges. Foi uma espécie de gesto simbólico.

Usando o viva-voz do aparelho telefônico, Mattoso e Schwartz passaram meses lendo, relendo e traduzindo os versos de *Fervor*. “Traduzir Borges não foi mero acaso para mim. Ambos somos bruxos. Ele tinha premonições em todos os momentos importantes de sua vida, eu já tive várias manifestações extra-sensoriais”, diz Glauco, que chama a atenção para a memória visual do escritor. “Ele é quase um fotógrafo, que busca reter a imagem como uma espécie de presságio da cegueira que virá.” (...)

Resumo de matéria publicada na seção Cultura da revista Época, de 24 de agosto de 1998
Por Cadão Volpato

O CEGO

Despojaram-no do diverso mundo,
Dos rostos, que são sempre o que eram antes,
Das ruas próximas, hoje distantes,
E do côncavo azul, ontem profundo.
Dos livros guarda apenas quanto colhe
A memória, essa forma de um olvido
Que formato retém – não o sentido,
E que apenas uns títulos recolhe.
Os desníveis espreitam. Cada passo
Pode bem ser a queda. Sou eu lento
Prisioneiro de um tempo sonolento
Sem aurora ou ocaso em seu compasso.
É noite. Ninguém mais. Devo, no verso,
Lavar o meu insípido universo.

Desde noventa e nove, ano do meu nascimento,
Desde a parreira côncava e do poço profundo,
O tempo minucioso (e que parece um momento)
Me foi tirando as formas visíveis deste mundo.
Os dias e as noites foram limando a figura
Das letras humanas e dos rostos muito amados;
Em vão interrogaram, meus olhos esgotados,
A estante vã, a biblioteca sem aventura.
O azul e o vermelho são agora como a névoa
E duas vozes inúteis. O espelho que miro
É uma coisa cinzenta. No jardim eu aspiro,
Amigos, a obscuridade rosada da treva.
Agora só perduram as formas amarelas
E os pesadelos são tudo o que a visão revela.

Poesia retirada do livro *Borges Poeta*
Editora Leviatã Publicações Ltda. (1992). (1992)

Com quatro volumes, totalizando 30 livros e vários textos inéditos, chega ao Brasil a obra completa de Jorge Luis Borges, um dos maiores nomes da literatura universal.

Obras Completas I
Jorge Luis Borges
Rio de Janeiro, RJ:
Editora Globo,
1998 (700 p.)
R\$ 44,00